

AAMARGS

Jornal da

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL • PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO II • FEVEREIRO 1993 • Nº 11 • PORTO ALEGRE



Iberê Camargo, água-tinta, 20x15cm, P.A. III, 16B, 1991

Iberê Camargo

PÁGINA 2



Iberê Camargo, água-tinta, 20x15cm, P.A. III, 16A, 1991

O POSITIVISMO EM PEDRO WEINGÄRTNER P.3

JAC LEIRNER P.4

CURSOS DE MARÇO P.2

PROJETO AQUISIÇÃO P.2

CALENDÁRIO DO MARGS EM FEVEREIRO P.4

EDITORIAL

O Conselho Consultivo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul tem por finalidade colaborar e assessorar a direção na área de atividades culturais. Para integrar o novo Conselho Consultivo, foram convidadas pessoas de alta competência e influência no meio artístico de nosso Estado: o artista plástico Alfredo Nicolaiewsky, a artista plástica e professora Anete Abarno, o artista plástico e diretor do IEAVI, José Francisco Alves; o artista plástico Léo Henrique Fuhro, a marchand Marga Kroeff e a professora e crítica de arte Mônica Zielinsky. O Conselho será instalado no primeiro trimestre de 1994, dentro da nova política da Instituição, com autonomia em suas decisões, além da eleição de seu próprio presidente. Acreditamos que a colaboração do Conselho será de valiosa importância para o desenvolvimento do trabalho do MARGS neste momento em que vivemos a mudança de direção da Instituição e implementamos novas metas para a casa.

Paulo Gomes
Assessor da direção do MARGS

IMPRENSA

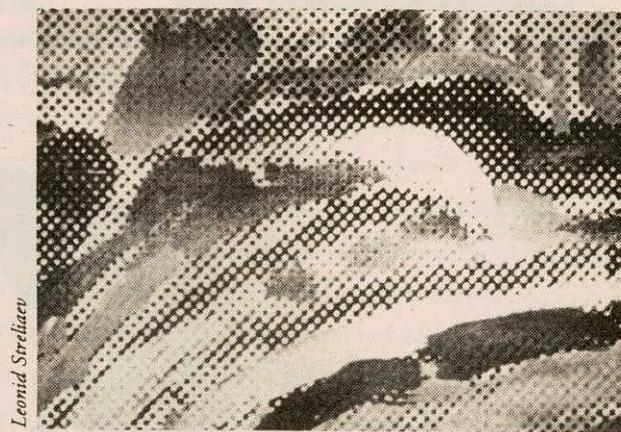
O jornal do CREA, em sua edição retrospectiva de dezembro, destaca, entre os assuntos relevantes publicados em 1993, a reportagem sobre o projeto MARGS - ENCOL, uma produtiva parceria entre o setor público e o privado. A construtora lançou a série de empreendimentos Encol Art Collection nas Pinacotecas do MARGS e trabalha, atualmente, na recuperação do torreão um do prédio histórico da Praça da Alfândega.

EXPEDIENTE Presidente Luís Alberto Buchholz Vice-Presidente Luís Garcez Conselho Editorial Ernani Behs • Milka Levacov • Naira Vasconcellos • Nilde Prado • Paulo Gomes Jornalista Responsável Cida Golin RG 6.256/25 Edição Cida Golin Colaboradores José Luiz do Amaral • Paulo Gomes • Gaudêncio Fidélis • Rosa Inês Westphalem • Vera Reis Pinto • Eduardo Leães. Programação Visual e Diagramação Ana Cláudia Gruszynski Fotolito Proletra Impressão Zero Hora Distribuição Gratuita Tiragem 5 mil exemplares Cartas para Aamargs Praça da Alfândega, s/n 90010-150 Porto Alegre RS • Fone (051) 227 2311 • Todas as pessoas envolvidas na publicação deste jornal são colaboradores voluntários, não fazendo jus a nenhuma remuneração. A responsabilidade dos artigos é exclusiva de seus autores.

PROJETO AQUISIÇÃO



O acrílico sobre tela (1,02m x 1,03m), sem título, realizado por Renato Heuser em 1991, faz parte do acervo do MARGS, dentro do Projeto Aquisição da Associação dos Amigos. O artista concluiu o curso de artes na UFRGS em 78, e logo depois, foi para Alemanha estudar pintura sob a orientação de Raimundo Girke. Renato Heuser é professor do Instituto de Artes. A artista plástica Heloísa Schneiders da Silva descreve o trabalho do colega: "é o exercício da visualidade: a pintura descrevendo movimentos e sensações que se imprimem na retina. São as ondulações da água, do vento, das árvores, enfim, a alma da natureza".



Ornamento díptico II (detalhe)

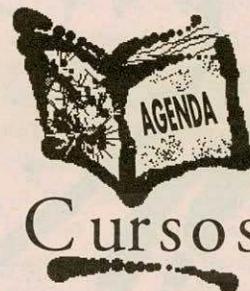
A produção de Vera Chaves, segundo a análise de Icleia Cattani, caracteriza-se há tempo por práticas repetitivas, de tal modo que pode-se considerá-las como um elemento básico de seu processo de trabalho. Na fotografia aparece um detalhe dos 32 módulos de 29x39cm (1990) realizados através de fotografia manipulada e eletrografia. A artista, que fundou o Espaço NO na década de 70, possui uma agenda regular de exposições no Brasil e na Espanha. Para Cattani, o processo atual da artista caracteriza-se pelo jogo sistemático com as possibilidades da imagem, através das infinitas modalidades possíveis de sua multiplicação e dos jogos combinatórios que podem ser instaurados. O elemento inicial é sempre o mesmo, mas cada unidade possui suas características próprias.

CINCO GRAVURAS DE IBERÊ NO ACERVO DO MARGS

O ato oficial de doação de cinco gravuras de Iberê Camargo para o acervo do MARGS dispensou a formalidade. O diretor Ernani Behs e um grupo de funcionários do museu visitaram o artista no final da manhã do dia 12 de janeiro, em pleno verão porto-alegrense. No ateliê calmo do bairro Nonoai, Iberê trabalhava na sua mesa, junto ao telefone e a um pequeno dicionário da língua portuguesa. Poucas imagens à disposição no ambiente impecavelmente limpo: cavaletes vazios, algumas experiências com guaches cinzas em exposição, um boneco-manequim, miniaturas de bicicletas, o espelho sumindo na parede ampla e branca.

O Iberê das tintas não perde o humor habitual e muito menos suspende as farpas aos assuntos de governo, do Ministério da Cultura ao IPTU do ateliê. O tratamento para inibir um câncer de pulmão provoca, às vezes, um tom mais sensível na voz desse artista de quase 80 anos: são as lembranças do olhar de menino sobre o cemitério de Restinga Seca ou, então, a percepção mais aguda da natureza, do som dos pássaros e dos bugios na mata nativa que limita a janela da casa.

Abaixo, a limpeza minuciosa novamente chama a atenção de quem entra na oficina de gravura. Ali, o artista presta homenagem aos seus professores. No aprendizado da técnica, Iberê frequentou o *Atelier Lacourrière*, na França, o mesmo que preparava as gravuras de Picasso. Na saída, é o artista quem percebe a pedra, desta vez a pedra da calçada e as imagens que a água vai projetando no contato com o material. Simples na definição de quem cria: *são apenas abstrações do tempo.* (CG)



Cursos

O MARGS oferece os seguintes cursos a partir de março:

Design de Superfície com Renata Rubim, de 15.03 a dezembro, manhã e noite, às terças.

Desenho da Figura Humana com Plínio Bernhardt, às terças e quartas, à tarde.

Xilogravura com Circe Saldanha, até dezembro, às terças, à tarde.

Gravura em Metal com Wilson Cavalcanti, até dezembro, às quartas, à tarde.

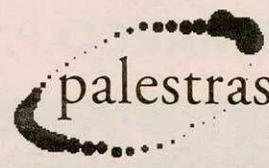
Os interessados em frequentar os cursos do museu podem dirigir-se ao núcleo de extensão para atualização da ficha cadastral.



Caravana Cultural

O Programa de Educação e Preservação do Patrimônio Cultural programa para os dias 5 e 6 de fevereiro uma caravana cultural para a região dos campos de cima da serra. O grupo irá visitar o Museu Arqueológico de Taquara, a

habitação indígena pré-colombiana, a fazenda do Tio Rico (com demonstrações de lida campeira e almoço), além do Museu do Automóvel, entre outras atrações. Pernoite em São Francisco de Paula. O passeio terá orientação de especialistas. Vagas limitadas. Informações no núcleo de extensão, com Régis ou Martinez, ou pelo telefone 227-2311, ramal 30.



palestras

Na quinta-feira, dia 3, haverá uma palestra de Eda Elter, com apresentação de audiovisual, sobre "Remanescentes da Cultura Islâmica na Península Ibérica e o Islamismo vivo no Marrocos". O encontro começa às 17 horas, no auditório, com entrada franca.

O POSITIVISMO EM WEINGÄRTNER

Em fins do século XIX, encontram os líderes sociais e intelectuais do Rio Grande do Sul, no ideário ético-político baseado no Positivismo europeu, os elementos necessários para fornecer sustentação às elites agrárias e, ao mesmo tempo, expressar valores da classe média, fortalecida com o desenvolvimento urbano. É o que se pode constatar tanto no discurso político, em que avulta a palavra de Júlio de Castilhos, como na produção cultural e artística, especialmente nas obras literárias de Alcides Maya ou Simões Lopes Neto e na obra plástica de Pedro Weingärtner.

Fazem parte desse ideário positivista algumas propostas que, desde logo, transparecem nos diversos aspectos da pintura de Weingärtner como:

I. A exaltação do regional entendido como categoria universal, ou seja, uma visão "científica" ou "positiva" do regional:

- Weingärtner faz um extenso levantamento da paisagem natural e humana do Rio Grande do Sul, mas também fixa cenas de paisagens do Tirol, da Itália e de Portugal, procurando sempre a visão objetiva que encerra uma certa neutralidade por parte do artista diante do assunto, encarada como atitude científica. Não se trata, portanto, de um regionalismo preso às características desta ou daquela região, mas de um artista que se pretende um analista "positivo" dos aspectos do cotidiano regional.

II. A temática profana e clássica revela à propensão à atitude civilista dos positivistas, em que desponta o culto do racionalismo e da erudição:

- Seguidamente, em Weingärtner, o tema surge da antiguidade greco-romana ou se prende à visão das formas que estruturam tanto a paisagem natural quanto interiores urbanos.

III. A valorização da família, da tradição, do dever e da hierarquia que no discurso positivista gaúcho



Tempora Mutantur, Pedro Weingärtner, 1898

marca a exaltação da manutenção da ordem estabelecida:

- São comuns as obras em que o artista retrata cenas de ambiente da classe média ou das lidas populares, sempre organizados como um jogo de relações harmônicas, simples e estáveis. São também exemplares seus retratos pomposos, mas austeros.

IV. A valorização da estrutura formal integradora dos valores hierarquizados:

- Os trabalhos de Weingärtner são estruturados a partir de um desenho preciso da cena enfocada em que os detalhes jamais são descuidados. O tratamento da cor e da luz orienta-se para a delicadeza e para o refinamento bem equilibrados que diluem e integram quaisquer contrastes. Os tons mais abertos e frios de seus verdes e azuis sempre diluem a dramaticidade que poderia surgir dos ocre, terras e vermelhos, fazendo com que sua palheta se apresente brilhante e bem comportada.

Não é por acaso que a imprensa, a intelectualidade e as autoridades políticas da época, desde logo, encontram o quê aplaudir na obra de Pedro Weingärtner. O caudilho republicano e positivista Júlio de Castilhos não só se fez retratar pelo artista, mas após elogios públicos à exposição da obra "Tempora Mutantur", em 1900, induz o então Presidente do Estado, Borges de Medeiros, a adquiri-la para o Palácio do Governo. Entre os inúmeros elogios que lhe dedica a imprensa local é interessante observar o que lhe faz Olinto de Oliveira, em 1898, no Correio do Povo, afirmando ter Weingärtner traduzido "... esses belos sentimentos em uma linguagem mais consistente, mais positiva".

José Luiz do Amaral

crítico de arte e curador da exposição
O Positivismo em Pedro Weingärtner

**Coffee
CANTATA**



O Coffee Cantata fecha mais cedo no verão. Em janeiro e fevereiro, o café do MARGS funciona das 10 às 19 horas. Na semana do carnaval, de 11 a 22 de fevereiro, estará fechado em férias coletivas. O Coffee Cantata oferece boas opções em lanches leves para o verão como o delicioso chá gelado e o café com sorvete. Experimente, o Coffee Cantata fica no MARGS, ao lado da Arteloja.



O Calendário MARGS 1994 está à venda na Arteloja, com gravuras de Wilson Cavalcanti, Luiza Coutinho, Maryl Rodrigues, Gláéva Macalós e Circe Saldanha. A tiragem do calendário é de 100 exemplares. A Arteloja funciona de terças a domingos, das 10 às 17 horas.

Wilson Cavalcanti, litogravura, 1993.



Jac Leirner e José Resende durante a montagem da exposição na Casa de Cultura Mário Quintana.

JAC LEIRNER

Jac Leirner exibiu, na Casa de Cultura Mário Quintana, três instalações com um material básico comum: sacolas plásticas costuradas, sacolas e sacos transparentes e sacolas de museus. A coleção e repetição de elementos insólitos caracteriza o trabalho dessa artista paulista de 32 anos. Ela faz obras com notas de 100 cruzeiros, com 1.200 maços de cigarros (*Pulmão*) ou com cinzeiros e objetos de avião (*Corpus Delicti*) recolhidos a bordo. O currículo de Jac comprova a ampla circulação de seu trabalho: Documenta de Kassel, Bienal de Veneza, Bienal de São Paulo, galerias internacionais. A obra *Pulmão* foi comprada pelo MOMA, com o aval da crítica nova-iorquina. "Como estranhos fragmentos, os objetos de Jac Leirner oferecem algo diferente e inesperado", escreve Bruce Ferguson, curador da Winnipeg Art Gallery. A artista participou, em Porto Alegre, do ciclo Arte Contemporânea Brasileira do IEAVI. Nessa entrevista, ela conversa com o escultor Gaudêncio Fidélis.

GF - Jac, vamos falar sobre a noção de espaço e a noção de lugar no seu trabalho.

JL - Penso o trabalho como sendo um lugar, um lugar de coisas que circulam indeterminadamente. Nesse sentido, trabalho e lugar estão numa relação de simultaneidade. Quanto ao espaço, este se desdobra ao longo da elaboração do trabalho em parceria com o tempo.

GF - Quando você inicia a série *Corpus Delicti*, estes conceitos parecem adquirir uma definição precisa. O espaço de transgressão-atuação determina de onde provém os objetos, no caso o avião. A relação espaço-tempo estabelecida define sua conexão com a velocidade. Como se processam essas contingências no seu trabalho?

JL - A transgressão, nesse caso, é uma premissa instantânea e quase anterior ao trabalho. Funciona como detonadora de uma série de eventos que ao longo do tempo se desdobram em um processo mental de articulação e imaginação das coisas em situações diversas que resultarão no trabalho. Durante sete a oito anos, coletei esse material específico dos aviões. O avião serviu como depósito especial de materiais e o tempo foi o seu suporte de articulação.

GF - O seu trabalho estaria envolvido com a idéia da materialidade do tempo, pensado através do fluxo do pensamento contínuo. Trata-se, me parece, de horizontalizar a noção de tempo, fazendo-a coincidir com a noção de simultaneidade, não?

JL - Sim. Quando eu aprisiono uma coisa da sua rota de circulação natural, estou de alguma forma deslocando seu tempo e lugar. Na série *Pulmão*, por exemplo, usando os envólucros vazios dos cigarros que fumei ao longo de três anos, explícito a medida e o corpo real do meu tabagismo. Os envólucros foram, de fato, esvaziados pela minha respiração e se apresentam ali, vazios na sua quantidade.

GF - Na série *Pulmão*, havia uma dimensão autobiográfica?

JL - Sim, independente da minha vontade ou consciência. Ela não era uma condição ou válvula motora, mas se apresentou e se constituiu no trabalho. Antes da idéia de autobiografia, estavam ali aqueles materiais deliciosos que me escolheram...

GF - Na série *Corpus Delicti*, você institui o delito como procedimento, fazendo com que o ato transgressor fique pairando sobre a obra. Acredito que se instaura aí uma espécie de distúrbio entre aquilo que seria a aura do trabalho e um certo componente ilícito. Como você vê esse dado no trabalho?

JL - O ato transgressor não é necessariamente um delito, vide a história e o conflito entre as linguagens que a determinam. Grande parte dos objetos que constituem essa série são resultados de conversas que se deram a bordo, entre comissários

e eu. O delito, nesse caso, é misterioso. Apesar de todas as provas, não se sabe se ele se deu, quando ou onde se deu.

GF - Esse fator encaminha a constituição da obra para um processo de desterritorialização?

JL - Sim, na medida em que esses objetos provém de todos os lugares do mundo e os seus aprisionamentos se dão em pleno ar...

GF - O resgate que você faz dos objetos para a condição de arte tem como resultado a constituição de um princípio de realidade?

JL - Precisamente sim. Mas essa realidade já está impressa na rudeza dos próprios objetos. Eles têm a qualidade de serem impregnados de um sentido anterior.

GF - Nos trabalhos das sacolas, que você exibiu em Porto Alegre, há um dado que trata da institucionalização da arte e do objeto artístico. Sua circulação e valor estão determinados pelo gesto do artista e sua transformação em arte.

JL - Arte e instituição vivem em parceria, já que o lugar da história da arte é a instituição: o museu, a fundação, os centros de cultura. O quê desdobra a arte é exatamente a sua história. No caso dos trabalhos com sacolas plásticas de lojas de museus, existe um movimento circular nesse sentido. A sacola sai do museu como envólucro de consumo e retorna a

ele como arte, razão daquele lugar.

GF - De um modo geral, seu trabalho possui o componente do colecionismo, da atitude de colecionar.

JL - Lido com coisas que têm como característica comum o fato de não serem encontradas no comércio. São coisas aparentemente sem valor e que uso como usaria quaisquer outros materiais "virgens". A diferença é que estão impregnadas de uma vida anterior. Antes de ser uma sacola, o material é plástico, tem cor e medida específicas. Isso sim é determinante no trabalho. É a quantidade desses materiais que acaba fazendo a coleção. Mas pense em quantidades de papéis brancos ou barras de madeira ou metal. Serão também coleções?

GF - No caso das sacolas, o exagero e a obsessão por possuir essas sacolas provoca, me parece, uma perda. A coleção possui como caráter a condição de reter para si as coisas. No entanto, um número grande de sacolas, existindo todas ao mesmo tempo e no mesmo lugar, não provoca, contrariamente à idéia de colecionar, uma perda por adição?

JL - Sim, a sacola quase que se anula. O que acontece com esse trabalho é que as pessoas olham para tudo e para nada ao mesmo tempo. O olhar fica em constante movimento, sofrendo um descentramento via quantidade. A idéia de unidade se desfaz.

CALENDÁRIO MARGS FEVEREIRO 1994

1 Ter

Segue Óleo e Acrílico sobre Tela • Pinacotecas - até 06/03

Plínio Bernhardt & Romanita Disconzi - Projeto Presença • Saguão - até 27/02

Cerâmica no Acervo do MARGS • Salas Negras - até 27/02

O Positivismo em Pedro Weingärtner • Pequena Galeria - até 27/02

A Gravura no Rio Grande • Galeria I - até 27/02

A Pintura na Passagem do Século • Sala Pedro Weingärtner - até 27/02.

3 Qui

Palestra com Eda Elter sobre cultura islâmica e islamismo - 17h • Auditório

5 Sab

Caravana cultural São Francisco de Paula. Saída: MARGS

13 Dom

Carnaval. O museu fecha até quarta-feira, dia 16, ao meio-dia.